

## COMO A HETEROGENEIDADE PRESENTE EM SALA DE AULA PODE AUXILIAR A PRÁTICA DOCENTE?

JULIANA M. OLIVEIRA JARDIM<sup>1</sup>; VALÉRIA ISLABÃO<sup>2</sup>; MARTA NÖRNBERG<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – juoliveira2004@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – valerialessandra4@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– martaze@terra.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Este texto resulta de estudo que verifica a importância do desenvolvimento, de forma sistemática, do trabalho em grupo numa perspectiva de valorização da heterogeneidade como auxílio à prática docente<sup>1</sup>.

O trabalho aqui descrito é resultado de uma pesquisa que durou um ano e teve por objetivo mapear o perfil de uma turma de 1º ano do ensino fundamental da rede Municipal de Pelotas, para, a partir destas diferenças, potencializá-las através de práticas que enfatizassem a importância de aprender com o outro e com os que estão em níveis de aprendizagem diferentes.

A heterogeneidade pode facilitar o processo de aquisição da escrita e cabe ao professor a função de organizar, planejar e conduzir o desenvolvimento de uma cultura de valorização dos diferentes saberes e do aprender com o colega. WELLS (2001) sugere que o professor precisa fazer com que sua sala de aula se torne uma comunidade de indagação, ou seja, um espaço onde os alunos, com diferentes saberes, discutem e relacionam a teoria com a prática e também refletem sobre suas ações. As turmas heterogêneas enriquecem e potencializam essas interlocuções, pois crianças com diferentes aprendizagens e vivências propiciam um diálogo mais rico, o que poderá auxiliar nos processos de aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA).

O tema heterogeneidade é abordado, nos cadernos de formação do PNAIC (BRASIL, 2012), como “algo inerente às relações humanas”. A diversidade humana é apresentada como “constituinte da essência do indivíduo e não à margem da mesma”. Indica que é preciso reconhecer que todos os aprendizes possuem conhecimentos distintos sobre o sistema de escrita alfabética, leitura e produção de texto e necessidades diferentes, tendo direitos de realizar as aprendizagens condizentes ao ano/série em que estão matriculados.

Cortesão (1998) explica que a heterogeneidade presente nas salas de aula precisa ser vista “como uma fonte de riqueza” capaz de produzir resultados em relação ao processo de ensino aprendizagem. Ressaltamos a importância da heterogeneidade ser um princípio adotado pelos docentes para que a partir deste princípio suas estratégias didáticas sejam capazes de potencializar os processos de aprendizagem no que se refere à apropriação do SEA (MORAIS, 2012).

Para conhecer a diversidade das turmas de alfabetização, é importante o professor diagnosticar e entender a maneira que cada criança pensa o SEA, para assim saber como organizar e conduzir sua prática pedagógica, valorizando e potencializando a heterogeneidade.

### 2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado ao longo de 2014, com uma turma de 1º ano do ensino fundamental, da rede Municipal de Pelotas. A turma era composta por 20 alunos com 6 anos de idade.

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no âmbito do Observatório de Educação/CAPES: Projeto Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano), reconhecido pela sigla OBEDUC-PACTO.

Os dados analisados são decorrentes dos testes de escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999) aplicados. Ao longo do ano, foram realizadas três coletas de escrita. A partir desses testes, foi construída uma tabela com o perfil da turma e a classificação dos alunos conforme seu nível de hipótese de escrita (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999)<sup>2</sup>. O propósito desse tipo de coleta é o de identificar a hipótese de escrita da criança, identificando o seu nível de aprendizagem, o que subsidia a professora no que se refere ao planejamento e ao tipo de ajuda que pode oferecer para que cada criança avance em suas hipóteses.

O teste consiste em ditar para a criança quatro palavras e uma frase do mesmo campo semântico: uma monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba e uma polissílaba. Anteriormente ao ditado, a professora realizava uma conversa com a criança, onde citava algumas das palavras e seu contexto semântico. Cada criança, individualmente, era chamada à mesa da professora para realizar a escrita das quatro palavras e da frase. Com base nos registros das coletas e das atividades de ensino, identificamos a preocupação da professora em trabalhar dentro da perspectiva de valorização da heterogeneidade, entendendo-a como princípio que enriquece e auxilia nos processos de aprendizagem.

É importante ressaltar que os três testes foram compostos por palavras diferentes. O primeiro teste aplicado foi composto pelas seguintes palavras: macaco, elefante, pato e cão e a frase “Eu vi o pato”. Já o segundo teste foi constituídos pelas palavras: cabeça, estômago, perna e pé e a frase “Meu pé dói”. O teste aplicado no fim do ano foi: caderno, apontador, cola e giz e a frase “Eu tenho uma cola”.

O objetivo da professora, ao manter a mesma estrutura do teste, mas trocando as palavras ditadas, era o de evitar que as crianças memorizassem a escrita de algumas palavras que eram vistas repetidas vezes. Com os testes, a intenção da professora era a de compreender como a criança estava pensando a escrita. Por isso, caso a criança memorizasse a escrita de alguma palavra, isso atrapalharia o propósito das testagens e a identificação do nível de escrita da criança.

Para realizar o processo de análise dos dados, seguimos as orientações da análise temática (MINAYO, 1993).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para ilustrar o processo de análise, apresentamos o teste inicial e o teste final de dois alunos. Os testes mostram as diferentes aprendizagens que os alunos possuem quando ingressam no 1º ano e também como o professor pode lidar com essa heterogeneidade para que ela contribua com o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

1 - OMC (macaco)  
 2 - ELM T (elefante)  
 3 - MU (pato)  
 4 - G M (cão)  
 EU VI  
 Eu vi o pato  
 INÁCIO

Inácio, 1ª coleta/2014

Nome: INÁCIO  
 1 - APOTADOR (apontador)  
 2 - CADERDO (caderno)  
 3 - COLA (cola)  
 4 - GIZ (giz)  
 5 - EU TENHO UMA COLA  
 Eu tenho uma cola

Inácio, 3ª coleta/2014

<sup>2</sup> Ferreiro e Teberosky descrevem como sendo quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético. Caracterizando o nível silábico alfabético como o nível de transição entre silábico e alfabético.

Nome: JOÃO VICTOR

1 - EDOTOI	(elefante)
2 - AÍC	(girassóis)
3 - ÍACA	(cavalo)
4 - ED	(caão)
5 - PERA	(eu amo o pato)

João Victor, 1<sup>a</sup> coleta/2014

Nome: JOÃO VITOR

1 - APOTASI	(apontador)
2 - CADÔ	(caderno)
3 - QOLÁ	(cela)
4 - JIF	(giz)
5 - FU TO VA QIÁ	(eu tenho uma cota)

João Victor, 3<sup>a</sup> coleta/2014

Ao analisar o teste de Inácio, percebe-se que no início do ano ele tem uma hipótese silábica de escrita, pois usa uma letra para representar cada sílaba, mostrando uma preocupação em marcar a pauta sonora. Ele termina o ano com uma hipótese ortográfica, percebendo algumas irregularidades da língua e representando as mesmas na escrita.

O aluno João inicia o ano com uma hipótese pré-silábica, ou seja, não estabelece relação entre a escrita com a pauta sonora e ainda não conseguem perceber a palavra e o objeto a que se refere como duas realidades distintas (realismo nominal). Ao final do ano, tem uma hipótese silábica-alfabética, ou seja, relaciona a escrita com os sons da fala E, na maioria das palavras, tem uma escrita alfabética, identificando as unidades menores (letras) que compõe as sílabas; porém, em alguns momentos, como é o caso da palavra “caderno”, recorre à escrita silábica, representando cada sílaba com uma letra. Quando a criança se encontra neste nível transitório entre a hipótese silábica e a alfabética, chamamos de nível intermediário, conhecido como hipótese silábica-alfabética (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999).

Com base na análise dos dois testes, conclui-se que os dois alunos tiveram a oportunidade de avançar ao longo do ano nas suas hipóteses de escrita. As práticas exercidas pela professora oportunizaram que crianças em diferentes níveis de aprendizagem, e que chegaram à escola com conhecimentos diferentes, progredissem e aprimorassem seus conhecimentos através das trocas com os colegas e com a professora.

A seguir, apresentamos uma tabela com o perfil da turma em relação às hipóteses de escrita (Tabela 1).

**Tabela 1: perfil da turma em relação às hipóteses de escrita**

	Abril	Julho	Outubro
Pré-silábicos	14	1	0
Silábico	5	6	3
Silábico-alfabético	0	2	1
Alfabético	1	11	16

Em abril, na turma, apenas 1 criança estava no nível de escrita alfabética, 5 crianças com hipótese silábica, nenhuma na hipótese silábica-alfabética e 14 pré-silábicas. Já a coleta de julho evidencia grandes avanços, pois os pré-silábicos diminuem de 14 para 1, os silábicos passam de 5 para 6, os silábicos-alfabéticos passam de 0 para 2 e os alfabéticos, de 1 passam para 11. Por fim, na última coleta, é notável o avanço da turma, que encerra com 16 alfabéticos, 1 silábico-alfabético, 3 silábicos e nenhum pré-silábico.

De acordo com as orientações do PNAIC<sup>3</sup>, ao fim do primeiro ano do ensino fundamental, espera-se que a maioria das crianças estejam no nível alfabético

<sup>3</sup> Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um programa do Ministério da Educação que oferece curso de formação continuada, visando a discussão e apropriação dos direitos de aprendizagem e qualificação das práticas de ensino, objetivando que todas as crianças estejam alfabetizadas até os 8 anos.

para considerar que a turma obteve sucesso e que foi garantido seus direitos de aprendizagens (BRASIL, 2012).

Assim, acreditamos que esta turma obteve sucesso, avançando em suas hipóteses de escrita, pelo fato da professora reconhecer a heterogeneidade presente em sua turma e tomá-la como um facilitador do processo de aprendizagem das crianças, organizando situações de ensino que contemplassem as características e necessidades das crianças.

Isto ocorreu pelo fato da professora se preocupar em conhecer a heterogeneidade presente em sua sala (através dos testes de escritas) e a partir da identificação dessa diversidade planejar e embasar sua prática para que crianças de diferentes níveis pudessem através do trabalho em grupo trocar ideias e repensar suas hipóteses por meio dos questionamentos que surgiam.

Crianças em níveis diferentes, mas próximos de aprendizagem, com relação ao SEA eram agrupadas e desafiadas a escrever palavras juntas, com alfabeto móvel. Ao observarem as hipóteses diferentes do colega, isso gerava um diálogo que conduzia a um conflito cognitivo. Durante essa troca, percebia-se uma evolução de ambos, pois passavam a questionar e argumentar sobre por que pensavam que a escrita daquela palavra era de uma maneira e não de outra.

#### 4. CONCLUSÕES

Embora muito discutida, a heterogenidade ainda não é reconhecida como princípio organizador das práticas pedagógicas e tampouco reconhecida como ferramenta que auxilia o professor. Na maioria das vezes, ela é percebida como um desafio ou dificultador da prática docente.

Portanto, é necessário investigar práticas em que a heterogenidade é entendida como potencializadora da prática de ensino, especialmente no que se refere a qualificação e ampliação dos processos de aprendizagem. A temática da diversidade, presente em sala de aula, precisa ser mais discutida e pensada pelos professores, pois é parte inerente da ação humana. É possível sim aprender com o outro que pensa diferente, no que se refere à aprendizagem de conteúdos ou à aprendizagem de valores.

Por isso, defendemos que quando o professor reconhece a heterogenidade como um princípio didático que o auxilia a pensar e planejar suas ações em sala de aula, os processos de aprendizagem são enriquecidos, especialmente no que se refere a apropriação do sistema de escrita alfabética.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Cadernos de Formação.** Brasília: MEC, SEB, 2012. (Volumes 1 a 8)
- CORTESÃO, L. O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões Críticas, **Cadernos de Organização e Gestão Curricular.** Lisboa: Editora Instituto de Inovação Educacional. 1998. p. 1-15.
- FERREIRO, E. ; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed,1999.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 1993.
- MORAIS, A. G. de. **Sistema de escrita alfabético.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- WELLS, G. **Indagación Dialógica:** Hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación. México: Paidós, 2001.